

Nonagenários Criadores

The creative artistry of artists in their 90s

Marcia Degani
Elisabeth Frohlich Mercadante

RESUMO: O tema do presente estudo aborda a criação artística praticada por idosos não profissionais que alcançaram e ultrapassaram os noventa anos de vida. Idosos nonagenários, em virtude apenas da idade avançada que possuem, de forma geral, são questionados em relação a sua lucidez e capacidade produtiva. Este estudo pretende mostrar os benefícios obtidos através da prática de atividades artísticas e como elas proporcionam aos idosos a possibilidade de atuarem mais ativamente no próprio ambiente social, além de ser um elemento que os auxilia a lidar com questões reflexivas que povoam o imaginário e a realidade daqueles que vivenciam o período da velhice. Os sujeitos entrevistados resistiram à visão social delegada ao idoso, especialmente aqueles que atingiram a quarta idade, que se inicia a partir dos oitenta anos. Para a reflexão destes sujeitos e o significado de suas produções foi necessário investigar o que representa ser idoso na sociedade atual, a natureza da produção artística, e o exercício da criação. O contato direto com os entrevistados e suas obras proporcionaram um ingresso parcial no universo desses indivíduos, de suas subjetividades e da forma particular que encontraram para lidar com as realidades da vivência cotidiana, suas visões de mundo e perspectivas de vida.

Palavras-chave: Velhice; Nonagenários; Quarta Idade; Criação Artística.

ABSTRACT: *This study talks about the creative artistic creation by non professional elder artists who reached 90 years old. This article examines the artistic production of amateur older citizens who have reached and gone beyond their 90th year. Those elders, only due to their advanced age, are generally put aside in reason of doubts about their lucidity and capacity of production. Due to advanced age, this group is often put aside, as less sound of mind and less productive than their younger peers. Thus, it is possible to affirm that the interviewed persons of this job resisted to the social conception of oldness, especially those who are years old. This article thus concludes that the interviewed subjects were resilient to being labeled “too old”. For the reflection of these persons and their work it was necessary to investigate the meaning of being old in the society of nowadays, the nature of the artistic production and the exercise of creation. As a reflective tool for the subjects and their artistic production, it was necessary to investigate the meaning of being old in today’s society, the nature of artistic production, and the process of artistic creation. The direct contact with the interviewed elderly and their work afforded to enter in their universe, their subjectiveness and the particular way they find to deal with the reality of oldness. The direct contact with these people and their work allowed the author to enter their subjective universe and the particular way they deal with the concept of old age.. This study proposes to show the individuality of well successful oldness based on creative activities. This article’s proposition is to demonstrate the individualization of successful older people based on their artistic production.*

Keywords: *Oldness; Nonagerians; Fourth Age; Artistic Creation.*

Introdução

Este artigo pretende associar os temas arte e velhice. Ao traçar um panorama do que representa ser velho na contemporaneidade, a arte surge como uma via que proporciona aos idosos o enriquecimento de suas vidas, dando margem à expressão de seus conteúdos internos através de seus potenciais artísticos. A velhice não representa um obstáculo limitador para que indivíduos desenvolvam atividades com qualidade estética no âmbito da criação artística. Além da experiência na produção do belo através da arte, o

idoso pode beneficiar sua qualidade de vida em vários aspectos abrangendo o psicológico, o mental e o social.

A complexidade que envolve os aspectos pertinentes à velhice foi abordada levando em conta a natureza física e psíquica do idoso, as mudanças sociais que têm impactado o processo de envelhecimento, a velhice e seu significado social. A arte é exposta como veículo de expressão da subjetividade humana, da abertura que ela proporciona para representações no plano simbólico através do ato criador, do caráter estimulador para as funções cerebrais e também o efeito socializador que ela promove.

Foram realizadas, em uma pesquisa maior, três entrevistas abertas semiestruturadas, com criadores amadores que apresentam idade superior a 90 (noventa) anos e que desenvolvem atividades artísticas rotineiramente. Uma das entrevistas realizadas foi transcrita e analisada neste trabalho, ilustrando o conteúdo aqui exposto. A abordagem metodológica recaiu sobre o método de pesquisa qualitativa de caráter subjetivo (Rey, 2010) com suporte de revisão de literatura. Segundo Chizzotti (2010: 28),

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível.

A velhice na contemporaneidade

Em cada contexto histórico e individual, tanto a arte quanto a velhice assumem diversos significados. Tanto os conceitos de velhice como os de arte são produtos da representação do humano, sendo mutáveis no curso da história, de acordo com as diferentes culturas e apresentam diversas amplitudes de percepção. (Barroso, 2008). Definir o que se pretende buscar nessas relações, que enfoque será dado ao “velho” e que tratamento será conferido à produção artística, é o foco das importantes questões a serem tratadas ao explorar reflexivamente o tema proposto.

A arte e a velhice pertencem ao domínio dos conceitos abertos que podem adquirir uma vasta abrangência de pontos de vista. Duarte Jr. (2009), ao citar Umberto Eco, afirma que este autor caracteriza a obra de arte como conceito aberto e explicita que caberá ao

fruidor estabelecer diálogos, cada qual à sua maneira de forma que assumam várias formas de interpretação. Assim, é necessário delimitar os aspectos do processo de envelhecimento e da velhice aqui tratados. Arte e velhice são assuntos amplos que abrangem esferas de construção individual, social, cultural e histórica. A arte, apesar de acompanhar as manifestações humanas desde as eras primitivas até os dias de hoje, sugere diferentes hipóteses interpretativas em relação ao sentido e à amplitude dos seus significados. (Calabrese, 1987). As representações artísticas presentificam e compõem a construção do humano e sugerem pistas para uma apreensão mais profunda das múltiplas faces que as constituem. A matéria-prima da arte é o conteúdo simbólico, sendo que o símbolo se caracteriza por apresentar uma vasta gama de possibilidades interpretativas e, dessa forma, a expressão artística se revela como signos que afloram das esferas, consciente e inconsciente, da mente humana (Jung, 2008). Conceituá-la e determinar sua morfologia, função social, sentidos culturais e individuais, ainda constitui foco de discussões, mesmo na atualidade.

A velhice poderia ser considerada um tema menos cambiante e subjetivo (Bosi, 1994), não fosse a evidente dificuldade que o ser humano sente para processá-la emocionalmente, e vivenciá-la, assim como definir o velho, objetivamente, poderia se restringir ao conceito etário sujeito a uma análise comparativa dentro de um determinado grupo cultural e social representado por aqueles que atingiram um grau de longevidade destacado dos demais. Mesmo ao se levar em consideração parâmetros objetivos, Antunes (2010) observa que, no grupo específico das travestis, o início do vivenciar a velhice se inicia por volta dos quarenta anos de idade. A Organização Mundial de Saúde considera idoso o indivíduo que completou sessenta anos de vida nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento e sessenta e cinco nos países de primeiro mundo.

A associação da velhice com a degenerescência e com a morte passa a ser inevitável a partir das evidências que o corpo velho, em um determinado momento, passa a apresentar. É incontestável a dificuldade que o homem sente para lidar com as questões que envolvem a própria finitude. Esse período da vida é tão singularmente difícil de ser vivenciado que Ângela Mucida (2009: 43), amparada pela teoria psicanalítica de Freud, afirma que a velhice traz consigo a imagem de um “espelho quebrado”; essa analogia

sugere que o idoso ao se dar conta de que atingiu esse estágio da vida rompe com a imagem que construiu de si mesmo, cf. seus termos:

De repente, em um dia qualquer, numa espécie de sobressalto, de um olhar desavisado, encontra-se no ‘espelho’ (que não implica necessariamente o espelho real, pode ser através do outro, uma foto, um olhar) uma imagem que escapa e na qual o sujeito não se reconhece.

Messy (1999: 12), a esse respeito, ressalta ainda:

O envelhecimento não é a velhice; como uma viagem não se reduz a uma etapa. O envelhecimento é um processo irreversível que se inscreve no tempo. Começa no nascimento e acaba na destruição do indivíduo.

Definir “quem” e “o que é ser velho” são questões que transitam por diversos paradigmas de ordem social, cultural, histórica, individual e subjetiva. A Gerontologia investiga as objetividades e subjetividades relativas às questões que envolvem a velhice e o processo de envelhecimento; logo, abordar a velhice fundamentando-a em bases estritamente etárias, e as questões que traduzem apenas os fenômenos objetivamente observáveis, não satisfaz o foco de pesquisa para o tipo de abordagem à qual se propõe.

O que significa para um idoso nonagenário produzir e aperfeiçoar habilidades artísticas é a questão central que se deseja apresentar e discutir. Refletir acerca dos significados que a velhice pode assumir ao ser levado em conta esse diferencial já pressupõe uma mudança de pensamento com relação aos padrões sociais pré-estabelecidos, uma vez que, no senso comum, não é esperado produtividade e questiona-se o nível de lucidez das pessoas que conseguem atingir essa faixa etária. Investigar os possíveis benefícios que a prática da criação e a vivência estética que a arte promove ao idoso é o foco de interesse neste estudo, uma vez que foi verificado que os idosos entrevistados apresentaram um modo distinto de comportamento e uma concepção de mundo diferente dos demais que compartilham a mesma faixa etária e não realizam atividades criativas.

Mascaro (2004) observa que há “uma diferença existencial entre ‘ser’ idoso e ‘sentir-se’ idoso e as dificuldades de se determinar a idade da velhice”, atribuindo esse

problema à “existência de um estereótipo que a identifica com inatividade” (Mascaro, 2004: 38). É consenso afirmar que, de forma geral, as pessoas não apreciam estar incluídas no “grupo dos velhos”.

Simone de Beauvoir dedicou-se ao estudo das raízes do significado da velhice tendo-o publicado em 1970, sob o título *A Velhice*. A exposição que a autora faz é de caráter universal e representa a formação de um conceito estruturador da psique humana, construído e incorporado ao longo dos tempos, tomando como referência a história das diferentes culturas (Geertz, 2008), e as transformações sociais que determinaram os olhares que se direcionam para as definições dos seus significados. Segundo a autora, o velho se caracteriza pelo encargo que delega à comunidade. Sua fragilidade física, a princípio, tende a impedi-lo de se enquadrar nos sistemas de produção, fazendo-o caminhar para a perda da própria autonomia que passa a ser associada com a aproximação da morte (Beauvoir, 1990).

Messy (1999: 11) afirma que “se o envelhecimento é o tempo da idade que avança, a velhice é o da idade avançada, entenda-se, em direção à morte”; e também destaca que “tanto quanto o homem dos tempos primordiais, nosso inconsciente é inacessível à representação de nossa própria morte” (idem: 17).

O psicanalista Carl G. Jung afirma que o homem moderno é mais inapto a assimilar as questões que envolvem conteúdos de ordem inconsciente que os primitivos, por ter se racionalizado ao ponto de tornar sua existência desprovida de significados simbólicos e numinosos (Jung, 2008). Assim sendo na atualidade, a velhice, quando é percebida e vivenciada como estágio que prenuncia a morte, passa a ser tratada como tabu.

Os discursos que fazem apologia à “melhor idade” podem conter como pano de fundo uma velada exploração da rejeição à velhice. Em geral, tais discursos apresentam uma proposta quase doutrinária que colocam sua vivência num patamar de irrealidade. Essa ideia de “feliz idade” age como uma ideologia que pretende convencer os idosos de que a velhice é um momento pleno de benefícios, que a sabedoria e que a experiência de vida se sobrepõem aos aspectos conflitantes e às perdas que o processo de envelhecimento acumula ao longo do tempo, a ponto de eles crerem que esse período seja, de fato, o melhor de suas vidas, não desconsiderando que, a depender de como é vivenciada, pode se tornar uma fase realmente especial e enriquecedora.

Observa-se nitidamente que, a partir do momento que o mercado de consumo (Sennet, 2008), e as ciências se incumbiram de “retardar” ou “camuflar” a velhice, aumenta nas pessoas o medo de envelhecer ou parecer velho. Não desejar a aparência de velho já evidencia que o ideal se assenta nos modelos que caracterizam a juventude. Apesar de tantos discursos favoráveis, ainda não se descobriu argumento que convencesse o ser humano de que a velhice seja melhor que a juventude, ou mesmo que a juventude seja melhor que a velhice. O ideal de juventude difundido pela mídia e pelo mercado de consumo é uma irrealdade, tanto para o jovem como para o velho. É um padrão inventado, que tanto os idosos como os jovens não terão como alcançar. Um jovem comum dificilmente corresponderá a todos os atributos contidos no ideal de sua geração, enquanto os idosos caminham fatalmente para um processo de degenerescência e perda de energia vital que os leva à morte.

O aumento da longevidade tem provocado ao mesmo tempo alento, ansiedade e desconforto na sociedade. Vida longa só pode ser considerada ganho, se vivida com qualidade em amplos aspectos. Embora a mídia, de forma geral, explore os temas relacionados à saúde e beleza, as ciências humanas preocupam-se em demonstrar que o ser humano parece estar cada vez mais desconfortável e inapto para lidar com a velhice por preocupar-se em manter a aparência de juventude. Na atualidade, as pessoas são pressionadas a mostrarem-se como um ser “feliz em um mundo dominado pela indústria da beleza e sua promessa de bem-estar e ‘eterna juventude’”. (revista *Filosofia*, 34: 30, 2012).

Bobbio (1997), de forma lúcida e realista, enfatiza suas próprias dificuldades em *O tempo da memória*. Após os 80 anos, descreve como se ressentir com a queda no seu rendimento intelectual, limitações motoras, perda da saúde, inabilidade nas relações interpessoais, falta de flexibilidade diante de novas adaptações sociais e tecnológicas, que se opõem à cultura (Schwanitz, 2009), que quer vender a imagem do “velho lindo”.

Serres (2003: 47) anuncia o surgimento de um novo corpo antropológico para o homem do século XXI, cujo traço mais distintivo é o aumento significativo da sua longevidade:

Os cuidados médicos, os remédios, as políticas de vacinação, de prevenção e de saúde, a diminuição do trabalho, o saneamento dos habitats e a expansão da higiene, convergem para um resultado mais

amplo do que seus componentes: a transformação antropológica dos corpos.

A visão humanista de Serres (2003) é inspirada naquela dos países de primeiro mundo – Estados Unidos, Canadá, Europa e Japão. O filósofo considera que haja uma tendência de ampliação dessa realidade para países em desenvolvimento como o Brasil.

É nitidamente observável que o idoso contemporâneo rompeu diversos paradigmas que, até então, caracterizavam a velhice. Necessitou se adaptar às avançadas transformações tecnológicas, novas realidades políticas, sociais, econômicas e comportamentais, a fim de garantir sua independência e autonomia. O perfil do idoso descrito por Simone de Beauvoir em 1970 tem passado por significativas transformações que envolvem todos os âmbitos da existência. Serres (2003) percebe o início de uma nova concepção de mundo emergir por volta dos anos 70, quando afirma que a sociedade passou a evidenciar essa tendência transformadora que abrange a identidade dos papéis sociais como um todo: mulheres, homens, idosos, gays, etnias, religiões etc. Morin (2006: 25) detecta o início de uma transformação social em maio de 1968, através da eclosão da crise que reuniu os universitários e o proletariado na França. Segundo o autor, nessa época, “a sociologia ainda era incapaz de prever o que estava latente ou brotava, ou ver e conceber o dinamismo e as rupturas”.

De forma geral, observa-se que o idoso tem se recusado à vida reclusa que o caracterizava até então, no período pós-aposentadoria. (“Aposentar-se: recolher-se aos aposentos”). Hoje, há maior diversidade nas possibilidades de vida durante a velhice. Contudo, pessoas que sofreram privações durante a vida tais como: pobreza, violência, falta de assistência médica, de saneamento básico e habitação, provavelmente se tornarão idosos mais frágeis, incapazes, improdutivos e dependentes. Há também inúmeros fatores que contribuem para que os organismos se enfraqueçam e entrem em estado de sofrimento nessa fase, tais como: depressão, genética, estilo de vida, fatores culturais e muitas questões de ordem subjetiva e individual.

Schirmacher (2005: 18) afirma que as falsas concepções sobre a velhice têm um efeito tão destrutivo que podem até encurtar a longevidade pelo sentimento de rejeição que provocam:

A influência de uma autoimagem positiva e de uma imagem positiva do envelhecimento para a taxa de sobrevivência das pessoas é maior que os efeitos de hipertensão ou de um colesterol alto, que causam um encurtamento da vida de quatro anos ou mais.

O surgimento de expressões como: “terceira idade”, “melhor idade” e “maturidade”, são exemplos que mostram como a atual maioria dos sujeitos longevos não deseja se incluir no grupo dos idosos. A finalidade dos eufemismos é abrandar, verbalmente, algo que se caracteriza por sugerir concepções depreciativas. Ao observar que o velho prefere falar de si, não como idoso e nem como velho, mas como “alguém que pertence à terceira idade”, pressupõe estar implícito o distanciamento do fator etário pela resistência à aceitação da velhice. O mesmo idoso, que reconhece a necessidade de ter seus direitos garantidos, respeito, reconhecimento e inclusão social, contraditoriamente, interpreta como ofensa ou sinal de exclusão o fato de ser tratado como tal.

Não há como definir um perfil para o idoso brasileiro; o Brasil abarca muitas realidades diferentes para os modos de vida na velhice. Entretanto, há como observar que a mídia tem interferido para que o idoso seja abordado e representado através de novos olhares. Emerge também uma parcela idosa da população mais engajada politicamente na afirmação de seus interesses e na luta pela garantia de um espaço importante dentro das políticas públicas. Uma perspectiva indefinida de aumento da longevidade pode significar tanto prêmio como fardo e todas as questões relacionadas a esse tema são, na atualidade, foco de interesse da população.

O comércio e a mídia investem e incentivam a ideologia de preservação da beleza jovem e investem na concepção de um estilo de vida que remeta ao comportamento dos jovens. Parecer jovem é também uma forma de status social e isso tem impactado o modo de viver de uma grande parcela da população madura. Nesse caso a aparência tende a ser um dos primeiros fatores que determinarão a projeção da identidade bem sucedida de um indivíduo. (Mercadante, 1997). A cultura atual atrela a aparência de juventude à produtividade, vitalidade sexual, beleza corporal, saúde, disposição física, espírito competitivo, agressividade na luta pela realização de metas, ideais e principalmente, poder aquisitivo.

A arte é e sempre foi uma expressão humana provocativa. Segundo o psicanalista Carl Gustav Jung, isso ocorre porque a arte transita pelo universo simbólico e é através dos símbolos que a comunicação via inconsciente se estabelece. Por natureza, o inconsciente é autônomo, mas há como acessá-lo através da linguagem simbólica (artes, sonhos e religião) que tem o poder de trazer à luz alguns aspectos que virão a se tornar conscientes e poderão ser revistos e trabalhados (Jung, 2008). Este pensador também afirma que é inacessível a consciência da totalidade dos conteúdos que o inconsciente comporta (Stein, 2006).

O pintor flamengo Hierônimus Bosch – cujo primeiro retrato é datado de 1572 - é um exemplo que caracteriza a expressão dos conteúdos inconscientes através de sua arte. Na Idade Média, sua obra desconcertava e incomodava profundamente as pessoas. “Olhares perturbadores”, “espíritos sombrios”, “entranhas do inferno”, “representações loucas”, “criaturas fantásticas entremeadas ao fogo, fumaça e outros efeitos atmosféricos”, faziam com que a sociedade de sua época o considerasse “possuído pelo demônio”, perturbado e louco. Boch prenunciou um estilo de pintura que se desenvolveria como tendência apenas a partir do séc. XX, o surrealismo, estilo que consagrou a pintura de Salvador Dalí (Abril/Dalí, 2010). O surgimento do estilo surrealista coincide com o reconhecimento dos estudos psicanalíticos de Sigmund Freud. O desenvolvimento da psicanálise foi decisivo para que os artistas explorassem esse universo.

Maud Mannoni, com inspiração na psicanálise freudiana, afirma que “quando a velhice se apossa de alguém o faz de forma inesperada.” (Mannoni, como citado em Messy, 1999: 23). Segundo ele, a velhice não se aproxima gradualmente para quem a vivencia, de forma que os indivíduos consigam percebê-la aos poucos e processualmente. Na cultura ocidental, é comum observar que a maioria das pessoas tome consciência do próprio envelhecimento de forma instantânea, em decorrência de algum fato que deflagra essa realidade.

Perceber-se velho cada vez mais desconcerta e incomoda, pela imagem social que se construiu em torno desse tema, o que é acentuado pelos atributos depreciativos que a mídia imprime subliminarmente para favorecer o mercado de consumo. Esse *insight* - a tomada de consciência da velhice – pode partir tanto de algum fenômeno que leve uma

pessoa a essa constatação, quanto de processos de espelhamento nos outros, que propiciam a percepção do próprio envelhecimento.

A construção de uma visão mais crítica da realidade é de importância fundamental no desenvolvimento da vida dos adultos e jovens dessa e das próximas gerações. A partir do reconhecimento do funcionamento do mundo e dos significados que a sociedade imprime aos fenômenos, as pessoas poderão identificar melhor o que as incomoda e transformar o modo como encaminham suas vidas construindo uma visão mais realista e processual. Se o envelhecimento se torna mais consciente, a velhice pode se transformar num período ideal para realizar mudanças significativas, rever e recriar modos de vida. O ser humano enquanto permanece vivo está por natureza, sujeito a contínuas e sucessivas transformações e cabe a ele que elas venham ao seu favor. João Guimarães Rosa em 1956, ao publicar *Grande Sertão Veredas*, reitera essa afirmação ao dizer que “o bom do ser humano é nunca estar acabado e o seu papel no mundo não está previamente traçado”.

Arte e velhice

“A natureza da natureza da arte será sempre um problema da cultura humana.”

Velthem, como citado em Grupioni (2000: 83).

Como conceito, a arte é variável diante das diversas representações que assume no âmbito individual e sociocultural. Cada indivíduo, cada cultura e cada período histórico atribuirão diferentes significados aos objetos artísticos, impossibilitando uma interpretação homogênea e um significado universal para as expressões artísticas. Assim, arte é uma expressão que se situa num campo instável em termos conceituais. A obra de arte se constrói a partir de diferentes códigos e signos. Sua apreensão, capacidade de desenvolvimento, produção e interpretação dependerão da visão específica de cada indivíduo e do grupo social ao qual pertence. Embora os elementos que a cultura ocidental definiu como objetos de valor artístico estejam presentes em todas as culturas (dança, música, pintura, escultura, dramatizações, vestimentas, adornos etc.), o significado dessas produções comportará diferentes e variados conceitos, além de se apresentarem sempre passíveis de sofrerem transformações.

O valor estético imposto por determinada cultura para uma obra pode não coincidir com o propósito sob o qual foi criada. O próprio significado da arte é algo controverso e de cunho estritamente subjetivo. A arte indígena (uma definição ocidental), por exemplo, é criada ora com propósitos lúdicos, ritualísticos, ora utilitários, não necessariamente significando, para esses povos, uma obra construída para ser objeto de admiração e ser valorada como obra de arte. O valor atribuído por determinados grupos étnicos do que, no Ocidente, é considerado artístico pode estar engendrado à sua função social (Grupioni, 2000).

A origem da concepção greco-latina de arte, etimologicamente, descende do grego *tékne* (habilidade no ofício manual e na expressão das coisas do espírito) e do latim *ars* ou *artis*, acrescentadas de outra palavra grega: *areté* (aptidão e virtude). Para Aristóteles, a função da arte se restringia à imitação da natureza (Gilson, 2010). Os gregos tinham como objetivo artístico a reprodução das manifestações naturais e o “aperfeiçoamento” das mesmas em direção a um ideal estético concebido pela cultura em questão (Cunha, 2003). As esculturas gregas, por exemplo, não eram construídas na intenção de representarem a realidade, mas tinham como meta recriá-la no plano do ideal, assim como a arte greco-romana.

Vários filósofos buscaram uma definição universal para conceituar a arte. Nietzsche (2011), por exemplo, deixou transparecer claramente a influência grega na sua concepção. Para ele a arte representa a natureza transposta para o ideal estético imerso em valores metafísicos, ou a própria superação da beleza natural. Nas suas palavras:

A arte não é somente a imitação da efetividade natural, mas precisamente um suplemento metafísico da efetividade natural, colocado ao lado desta para a sua superação. (Nietzsche, como citado em Barrenechea, 2008: 86)

Dewey (2010) propõe o resgate do olhar estético através da observação dos movimentos mais primitivos e espontâneos da vida presentes nas experiências comuns e rotineiras e, sobretudo, nos fenômenos da natureza. Ele situa a estética não em conceitos previamente construídos, mas dentro do olhar de cada apreciador, e afirma que as expressões mais autenticamente estéticas da vida se encontram na natureza, em todas as suas manifestações. Segundo o teórico, basta desenvolver uma sensibilidade capaz de

captar a poesia latente dos fenômenos naturais, para que qualquer pessoa se torne um fruidor espontâneo de qualquer obra de arte.

Coli (2006) discute e critica a concepção de que haja uma “sensibilidade inata” que leve à “fruição espontânea” de uma obra de arte em sua plenitude, uma vez que sua concepção se dá dentro de determinado contexto cultural. Ressalta que qualquer objeto artístico mantém uma íntima relação com o contexto no qual foi produzido e que o fruidor necessita dominar esse código para apreender o seu conteúdo e o seu significado. A falta de um conhecimento prévio e de um processo que caminhe no sentido de apurar o senso estético das formas mais cultas de expressão artística impedem a interação e o diálogo dos indivíduos com as mesmas; segundo esse autor:

A fruição da arte não é imediata, espontânea, um dom, uma graça. Pressupõe um esforço diante da cultura. Para que possamos emocionarmos, palpitar com o espetáculo de uma partida de futebol é necessário conhecermos as regras desse jogo; do contrário tudo nos passará despercebido, e seremos forçosamente indiferentes. (Coli, 2006: 117).

A relação entre arte e velhice que se pretende estabelecer na abordagem desse artigo diz respeito à qualidade das experiências estéticas que um indivíduo pode adquirir ao alcançar a maturidade. A busca por uma linearidade ou sentido de vida tende a se acentuar na velhice, assim como o interesse pelo transcendente despertado pelo confronto com a própria finitude, dentre muitas outras reflexões que surgem nessa fase; são fatores que levam as pessoas a reelaborarem conceitos e visões de mundo. Vários estudiosos anunciaram a inabilidade do homem contemporâneo para lidar com seus conteúdos internos. Psicanalistas, sociólogos, filósofos e tantos outros observadores do comportamento humano anunciaram uma humanidade muito mais voltada para os valores materiais do que para si mesma, projetando para os objetos – incluindo os seres humanos – questões recalcadas que careceriam ser tratadas de forma subjetiva por serem questões de caráter existencial.

O vivenciar da velhice é visto positivamente por anunciar o aumento da longevidade; contudo, ao mesmo tempo surgem dificuldades para processar e assimilar as realidades pertinentes ao período da velhice. Os seres humanos passam décadas se sentindo

desconfortáveis, ao serem confrontados com tais temas e, muitas vezes, não buscam processar a razão pela qual se sentem intimamente inquietos.

Em determinados momentos da vida, mesmo em idades muito avançadas, é comum o surgimento da necessidade de vivenciar a beleza de uma forma que transcenda a apreciação do belo corporal e daquele que está estritamente relacionado com o consumo (Bergson, 2010; 2011). De alguma forma, quando isso ocorre, tendo consciência ou não, o indivíduo percebe que necessita desenvolver novas formas para apreciar a beleza. Essa sensibilidade pode ser considerada o germe para o desenvolvimento de movimentos criativos e expressivos que conduzem à fruição e ao ingresso na produção no campo das artes.

Vivenciar o belo ultrapassa o limite das formas, imagens, sons, palavras, gestos, toques e sabores. Essa percepção passa a habitar nos atos de transição que ocorrem durante a suspensão das percepções condicionadas, vivenciadas através da realidade cotidiana. O contato emocional com uma obra de arte ocorre nas pausas que convidam o olhar acostumado a vivenciar o cotidiano para experiências de contemplação, admiração e deslumbramento e provocam um rompimento da percepção superficial da realidade podendo conduzir o indivíduo a um nível maior de autoconhecimento (Stein, 2006).

Dessa forma, ocorre a emersão de conteúdos emocionais inconscientes e simbólicos. Entretanto, muitas vezes, diante do incômodo que provocam e da dificuldade que muitas pessoas sentem para lidar com tais conteúdos, são ativados mecanismos de defesa racionais que protegem a psique da incursão a estados mais profundos de consciência (Stein, 2006). Quando há uma possibilidade de entrega ao sentimento individual que a interação com determinada obra provoca, ocorre o que se denomina experiência estética. Só assim a arte adquire o significado que lhe é próprio e busca vias para uma expressão particular. O belo passa, então, a assumir múltiplas representações.

O mundo não desrespeita o esteta, porque suas obras “falam” muito mais que qualquer sistema de linguagem – falam ao consciente e ao inconsciente ao mesmo tempo (Barrenechea, 2009). A obra de arte não oferece pistas sobre que plano da consciência que é afetada durante a criação (Osborn, 1965). Nesse ponto, a palavra pouco elucidará a raiz das emoções que levam à criação. Cabe ao “leitor” abrir-se, assumindo o papel de coautor

dentro de um conceito aberto, complementando-o naquilo que faz sentido para si de acordo com a própria percepção.

O olhar individualizado que se volta para o belo da vida – não mais condicionado aos critérios comuns que a cultura conceitua – diferencia-se dos demais olhares pela capacidade de captar e expressar tais momentos de experiência estética. Nele, “a percepção se dá de forma distinta da percepção prática, rotineira, havendo um maior equilíbrio durante o sentir e o pensar.” (Duarte Jr., 2008: 48).

A tomada de consciência da velhice é um período especialmente delicado para quem o vivencia. O fato de a velhice, de forma geral, ser um assunto tratado como tabu, vem da incapacidade de lidar com todos os elementos que o tema suscita. A sociedade ao tomar como padrão o ideal de juventude, conseqüentemente exclui o velho, uma vez que a beleza está relacionada com o viço da juventude. Por outro lado, o desejo de atingir a velhice com o sentimento de “missão cumprida”, com a paz de espírito de quem acredita que fez, ou pelo menos se empenhou em fazer o que acha que deveria ter sido seu papel no mundo, faz parte das questões que, por mais que sejam reprimidas, povoam o imaginário dos idosos e podem adquirir uma expressão estética própria. Dessa maneira, quando trazidas à luz da consciência, reconfiguradas em movimentos artísticos, amparadas pela religião ou trabalhadas terapeuticamente, essas questões inquietantes e desconfortáveis se tornam conteúdos riquíssimos para serem reelaborados de forma criativa. A arte é uma via que proporciona uma forma especial de contato com o mundo interior por ter, no objeto artístico, a representação de tais conteúdos de forma simbólica.

A beleza física corporal, não deixando de ser um fator sempre e cada vez mais socialmente relevante, uma vez que é responsável pela projeção da identidade imediata e superficial de uma pessoa, para muitos, deixa de ser um valor em si, ao descobrirem na arte a expressão do belo em formas mais sutis e refinadas. Indivíduos que encontram em si mesmos a capacidade de encontrar belezas fora dos padrões ditados socialmente costumam vivenciar sentimentos de autonomia, liberdade e individualidade. Assim, muitos velhos resolvem de forma criativa questões subjetivas que a mente consciente talvez recalque e desconheça, construindo para si mesmos novos fios condutores para suas histórias de vida.

A seguir, a entrevista feita com uma pessoa idosa e que pode mostrar muito do que foi explicitado acima:

Entrevista – Olinda Nepomuceno (90 anos)

“Inventar atrasa a caduquice.”

Dona Olinda Nepomuceno reside em Uberaba (MG), em residência própria, morando com a neta, antes com a filha e o genro, desde o falecimento de seu marido. Nascida no dia 09 de novembro de 1921, realizou esta entrevista um dia antes de completar seu aniversário de noventa anos. Viveu por muitos anos em uma fazenda situada em Minas Gerais nas proximidades de Uberaba. Referiu nunca ter tido um contato mais próximo com as artes plásticas, mas desde criança mantém o hábito de desenhar. Escolhe o que irá representar intuitivamente. De forma geral seus desenhos a lápis de cor, reproduzem figuras que compõem o seu cotidiano, nas quais Dona Olinda recria as belezas que a cercam no dia a dia. As flores do seu jardim são o tema mais constante. É consciente de sua criatividade e considera-se criativa em muitas outras atividades que realiza. Ela sente prazer quando está desenhando e guarda seus desenhos numa pasta. É a neta quem mais a incentiva e compartilha com a avó esse hábito. Após a entrevista, esta pesquisadora fotografou seus desenhos no contexto em que foram produzidos: entre as flores e diante das imagens nas quais se inspirou, sendo arquivados em CD, acompanhados com fotos. Essas imagens foram exibidas no telão no dia da festa de aniversário de Dona Olinda, dois dias após a realização da entrevista a seguir:

1. Quando a senhora descobriu que gosta de desenhar e pintar?

- Toda a vida; desde criança tenho essa vocação. Porém, nunca fiz estudo de tela, essas coisas, não. Agora, depois de idade fiz um (curso) e eu adoro pintura, mas faz bem tempo que eu comecei a fazer pintura e sempre tem alguma coisa que atrapalha. Ou é uma doença, ou não dá pra ir. Mas eu ainda tenho vontade de fazer e se for fazer, ainda faço. Agora, assim (recém-operada...), eu não tenho força de recomeçar.

2. A senhora não acha que é um período passageiro por causa da recuperação da cirurgia?

- Se eu ficar boa, tenho força pra recomeçar. Se eu não tivesse parado, minhas aulas estariam bem adiantadas porque assim que eu faço, eu logo aprendo. Deixa eu te falar: eu fiz quatro telas. Fiz as quatro e ficou uma gracinha. Ficou tudo lá no pintor. Então, é isso

aí, a gente luta pra fazer o que a gente quer, mas nunca dá certo, sempre tem alguma coisa que atrapalha um pouco.

3. Como assim, não dá certo? A senhora desenha muitíssimo bem desde criança e já fez até telas!

- Pior que é, menina, mas o que aconteceu foi isso: eu fiquei doente e fui falhando, falhando, falhando... Aí um dia eu pensei: deixa eu buscar minhas telas. Liguei pra lá e a mãe dele disse que ele tinha se mudado pra Uberlândia. “Eu nem sei da vida dele”, a mãe falou. Aí eu disse: Mas a senhora não encontra com ele de vez em quando? Ela falou: “Quase todo fim de semana ele tá aqui”. Então diz pra ele me ligar que eu quero conversar sobre as telas que eu deixei aí. Aí ficou por isso mesmo. Deixei as telas, deixei o estojo cheio de coisas. Fiquei tão sentida... Mas como eu demorei a ligar, não sei o que aconteceu.

4. Em que fase da sua vida a senhora achou que pintou melhor?

- Faz uns seis anos.

5. Nossa! Aos oitenta e quatro anos, Dona Olinda?

- É. Eu tava muito bem.

6. A Dênia me disse que a senhora sempre foi muito criativa; por isso ela quis que eu a conhecesse.

- É verdade. Mas agora a cabeça não tá mais muito boa.

7. Por quê? Como foi que a senhora acha que ela mudou?

- Eu tinha, assim, a vontade de sempre inventar alguma coisa boa, coisas bonitas.

8. Dona Olinda, como a senhora se vê aos noventa anos? O que a idade trouxe para a senhora?

- Dos oitenta pra cá a idade me prejudicou. Até os oitenta, eu ainda tava boa.

9. Aconteceu alguma coisa que interferiu nessa mudança?

- É porque eu caí e quebrei a perna, botou prótese. Só fiquei mancando, mas eu andava. Aí percebi que tinha ficado velha.

10. E como foi a sensação de perceber que tinha ficado velha?

- Não é tão ruim, não. Tranquilo. A gente sofre, né? Com a saúde, no meu caso sofri mais com a vista. Se não tivesse ficado ruim, eu tava estudando pintura.

11. Na sua família tem mais alguém que gosta de desenhar e pintar?

- *Tem meu irmão. Eu sou a mais velha.*

12. Quantos irmãos a senhora tem?

- *Tive doze. Desses doze, sete já morreram. Minha mãe teve treze partos, mas são doze.*

(Dênia, a neta, trouxe os desenhos de Dona Olinda feitos a lápis de cor, organizados numa pasta. As datas eram recentes, do ano de 2011).

13. Que beleza, Dona Olinda! As telas também são suas?

(Dênia) – *Esses aí são os experimentos dela...*

- *É. Eu fico testando o material. Esse aí, eu já acho que não ficou muito bom.*

14. Que material a senhora prefere?

- *Tinta a óleo.*

15. Quando foram feitos esses desenhos?

- *Foi nesse ano (de julho a outubro). A Dênia também tem uma facilidade...*

16. E mesmo com a vista ruim a senhora não parou de pintar?

- *Ah, eu continuo desenhando com a vista ruim mesmo.*

17. E o que a senhora pensa sobre as pessoas mais velhas que acham que não podem fazer mais nada?

- *Ah... eu acho que elas precisam de uma conversa. Se a pessoa tá aqui até agora, alguma razão tem que ter. Entrego a Deus e espero o que ainda não tive que passar...*

18. A senhora fica assustada quando pensa que está “durando” mais que as outras pessoas da sua família?

- *Não. Assustada não. Eu fico é admirada. Fico pensando: gente, por que será?*

19. E sobre o fato de estarmos conversando abertamente sobre a velhice? Incomoda-a reconhecer que ficou velha? Pra muita gente ser chamado de velho é uma ofensa...

- *Isso não tem nada a ver. Como é que faz se a pessoa não reconhece que a estrada pode ser longa? Longa pra uns e não pra outros. Minha filha, moça jovem faleceu antes de mim. Ela foi e eu fiquei. Aí é que eu penso: Por quê? Não tenho medo de morrer de jeito nenhum.*

20. E esses desenhos lindos, de onde vem a inspiração?

- *Penso tal coisa assim... penso, penso, penso. Aí vou e faço. É bom demais. Às vezes eu tô meio triste, pego o desenho e passa aquela depressão...*

21. O desenho muda de acordo com o humor do dia?

- *Muda sim. Quando eu tô brava, o desenho sai mais forte.*

22. Como a senhora escolhe o que vai desenhar?

- *Primeiro vem o pensamento e faço à mão livre. Aí olho alguma coisa da casa e faço o desenho. Só de ver pronto já é um alento pra mente da gente. Adoro desenhar flores. Só eu que acho, mas pra mim é o suficiente. Quando termina, fico olhando e me sinto bem. Vai embora a tristeza. Não tenho muito “lance” pra desenhar outras coisas, mas um dia fico pensando em alguma coisa que não sai da minha cabeça. Aqueles patinhos... Aí eu decidi: vou fazer aqueles patinhos. Eu penso: nem acho bonito, mas tenho que desenhar isso. Aí eu faço do meu jeito e acho que ficou bom. Esses patinhos aí (mostra o desenho), demorou pra eu decidir fazer. Outra coisa é quando eu olho na revista, mas acho que falta alguma coisa. Aí tinham só duas rosas e eu fiz mais uma. Eu invento: vou por mais uma aqui, vou fazer outra coisa ali e às vezes faço só da minha cabeça. Sempre acaba saindo diferente. Engraçado é quando eu olho e acho feio, mas mesmo assim decido pintar. No final, não é que ficou “bonitinho”? Acho feio e assim mesmo vou até o final e acaba ficando bom. Coisa mais engraçada! Esse aí é o meu primeiro desenho sem modelo (mostra o desenho).*

23. E ninguém nunca pensou em emoldurá-los?

- *Não. Eles ficam aí e eu quase não mostro pra ninguém.*

24. Mudando um pouquinho de assunto, a cabeça está ótima, né?

- *Até que tá. Porque os outros membros não tá tão bom... (ri). A mente tá bem melhor que as outras coisas...*

25. Eu notei que seu raciocínio está ótimo. Na sua casa quem resolve as coisas é a senhora, né?

- *É, resolvo. É muito bom a gente ter uma criatividade qualquer. É bom pra atrasar a caduquice. Se não dá conta de inventar, ninguém resolve nada. Eu gosto de mudar. Quando eu desenho, eu sempre mudo e acho que é isso que ajuda a cabeça a funcionar. Faço isso muito.*

Após a exposição dos seus trabalhos no dia do seu aniversário, Dênia, a neta de Dona Olinda, relatou que os convidados ficaram admirados com o talento de sua avó. Os elogios e o reconhecimento tiveram como efeito levá-la a produzir mais, sentindo-se valorizada e autoconfiante. Dênia conta que, depois desse dia, seu entusiasmo aumentou e que nem

reclamou mais do problema da vista. Com o incentivo dos amigos e parentes, dedicando-se mais à pintura, passou a investir mais num estilo próprio, no qual prevalece a desproporção entre os elementos figurativos. Segundo a neta, Dona Olinda, após sua festa de aniversário, tornou-se mais “falante” e sua neta atribui a mudança no seu comportamento e a melhora de seu humor pelo fato de as pessoas reconhecerem sua lucidez e produtividade.

Análise

O conteúdo teórico desse trabalho foi redigido no intuito de situar o leitor no universo das artes, da criação artística e na realidade atual do idoso. A arte é uma expressão que acompanha o homem desde tempos imemoriais e desde sempre despertou seu interesse. Até hoje não se encontrou qualquer produção humana considerada artística que não envolvesse o exercício da criatividade. A máquina não produz arte – apesar de ter sido criada pelo homem –; talvez as máquinas, no futuro, sejam vistas como obras de arte, assim como os artefatos pré-históricos que hoje se encontram expostos nos museus.

Como se pode depreender, a entrevistada acima não teve qualquer estudo que a preparasse ou introduzisse às técnicas de pintura ou desenho, para que viesse a produzir suas obras. Todos os entrevistados, em uma pesquisa maior realizada por esta pesquisadora, motivadora a este artigo, não tiveram qualquer iniciação para produzir suas obras. Inclusive se sentiram estranhos ao serem considerados artistas durante as entrevistas. Afirmaram não terem feito aulas, não terem nível superior ou não serem reconhecidos socialmente dessa forma. Os entrevistados referiram não produzir objetivamente para um público, mas buscavam mesmo o prazer pessoal através de suas criações.

Mesmo tendo uma vaga consciência do processo que os leva a criar obras de arte, através do confronto com elementos que povoam seus imaginários, sentiram uma necessidade de “colocá-los para fora” através desse veículo. A mente criadora estimula diversas funções cognitivas; todas as funções cerebrais se degeneram durante a velhice exceto a função criadora (Osborn, 1965). Talvez, por essa razão, os idosos entrevistados

apresentem ótimo nível de raciocínio e lucidez. Enquanto criam, suas mentes são estimuladas e colocadas diante do inédito, da produção de algo novo. Os idosos são reconhecidos socialmente por pertencerem ao passado e deles não se espera habilidades em processo de aperfeiçoamento. A produtividade, nesse caso, passa a representar-lhes que as próprias vidas se encaminham como todas as demais. Como consequência, eles não permitem que outras pessoas assumam a responsabilidade pelo curso de suas vidas.

As manifestações artísticas dos idosos entrevistados representam a urgência de se expressarem, a afirmação das próprias identidades e de sua vitalidade. O fato de se mostrarem produtivos também lhes concede a oportunidade de interagir no meio social que passa a lhes conferir respeito e admiração. Cada um à sua maneira descobriu que a produção artística preenche a sensação de vazio que a velhice traz, sendo que temem terem realizado tudo o que havia para fazer e não haja mais nada a ser criado.

Dona Olinda se alegra apenas por produzir o belo e, durante a entrevista, demonstrou satisfação apenas por entrar em contato consigo mesma no silêncio de seus desenhos e pinturas. Apenas após a homenagem realizada em sua festa de aniversário ao completar 90 anos, reconheceu a qualidade de suas produções através do olhar de seus convidados. A exposição dos trabalhos de Dona Olinda impactou seu ambiente social que desconhecia seu talento e o alto nível de seus trabalhos. Atualmente Dona Olinda tem recebido encomendas. Na última consulta ao oftalmologista, ela deu a notícia da cura de um de seus problemas – a dor de cabeça que sentia por forçar a vista.

Considerações finais

Vocês têm hoje 30, 40, 50 ou mais. Mas já na idade de 30 anos a velhice pega muitos de nós de surpresa, mulheres e homens igualmente. Vocês não sentem um traço dela, mas vocês a veem. Vocês procuram seus vestígios traiçoeiros como a polícia à procura de evidências. E então vocês reconstroem o delito, cuja testemunha não são vocês: é o envelhecimento. (Schirmacher, 2005: 63)

Viver qualquer etapa da vida tem-se tornado cada vez mais difícil. Desde que o mercado descobriu a lucratividade sobre a demanda, que investe no consumo da imagem

de juventude, ninguém mais se sente bem, sendo o que é, e tendo a aparência que ostenta. Ser velho, demonstrando no corpo não somente a idade, mas toda uma história de vida, para muitas pessoas tornou-se uma realidade insuportável. A mídia não deixará de associar satisfação pessoal e autoconfiança ao corpo “perfeito” nas formas, nos traços e garantirá que, para tudo, há um remédio e que ele está à venda. O sucesso de uma vida, hoje, traduz-se em manter pelo máximo de tempo possível a beleza corporal e ostentar bens de consumo.

O “ideal de juventude” não é menos nocivo para os jovens. Por se tratar justamente de um ideal, o jovem se sente pressionado a preencher uma série de quesitos que destacam o valor da juventude. Eles também não se sentem satisfeitos, sendo como, de fato, o são. Para o jovem, esse ideal ainda recai como um fardo, a obrigação de “ser perfeito”.

A consideração final desse trabalho recai sobre o resgate da individualidade, em qualquer etapa da vida, para uma existência mais plena e satisfatória. Individualizar-se é se libertar de padrões sociais preestabelecidos. É ter consciência dos próprios valores e necessidades, é conhecer a própria natureza, e saber o que se quer da vida independentemente da idade que se tenha.

Todo o desafio, toda a dificuldade, toda a perda, convidam e requerem transformações. É na transformação que o homem adapta-se ao mundo e é essa adaptação que o fortalece. A experiência de Dona Olinda demonstra que vivenciar a produção artística deixa a mente mais ativa, que a criatividade a mantém lúcida, especialmente no momento em que ela própria afirma que “Inventar atrasa a caduquice”. Esta entrevista foi eleita para ilustrar o presente artigo devido à transformação ocorrida na vida dessa idosa após o ambiente social ter reconhecido sua capacidade produtiva. Tal transformação demonstra como a visão social delegada ao idoso interfere em sua qualidade de vida. Uma vez que o olhar do outro se transforma, o idoso pode passar a vivenciar uma nova realidade. A arte, neste caso, trouxe os benefícios de bem-estar pessoal, de ser um veículo para expressar conteúdos internos e subjetivos, além de afirmar o idoso, mesmo ao se tratar de nonagenário, como indivíduo atuante no ambiente social.

Referências

- Antunes, P.P.S. (2010). *Travestis envelhecem?* Dissertação de mestrado. São Paulo (SP): PEPGG/PUC-SP.
- ABRIL. (2010). Dalí/Abril Coleções. São Paulo (SP).
- Barrenechea, M.A. (Org.) (2008). *As dobras da memória*. Rio de Janeiro (RJ): 7Letras.
- _____. (2009). *Nietzsche e a liberdade*. Rio de Janeiro (RJ): 7Letras.
- Barroso, A.B. (2008). *Poética em processo*. Brasília (DF): Casa das Musas.
- Beauvoir, S.de. (1990). *A Velhice*. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira.
- Bergson, H. (2010). *Matéria e memória*. São Paulo (SP): Editora W.M.F./Martins Fontes.
- _____. (2011). *Memória e vida*. São Paulo (SP): Editora W.M.F./Martins Fontes.
- Bobbio, N. (1997). *O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro (RJ): Elsevier.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo (SP): Companhia das Letras.
- Calabrese, O. (1987). *A linguagem da arte*. Rio de Janeiro (RJ): Globo.
- Chizzotti, A. (2010). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Coli, J. (2006). *O que é arte*. São Paulo (SP): Brasiliense.
- Cunha, N. (2003). *Dicionário Sesc: a linguagem de cultura*. São Paulo (SP): Perspectiva: Sesc.
- Dewey, J. (2010). *A arte como experiência*. São Paulo (SP): Martins Fontes.
- Duarte Jr. (2009). *O que é beleza*. São Paulo (SP): Brasiliense.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro (RJ): LTC.
- Gilson, E. (2010). *Introdução às artes do belo: o que é filosofar sobre a arte*. São Paulo (SP): E Realizações Editora, Livraria e Distribuidora.
- Grupioni, L.D.B. (2000). *Índios no Brasil*. São Paulo (SP): Global.
- Jung, C.G. (2008). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira.
- Mascaro, S.A. (2004). *O que é velhice*. São Paulo (SP): Brasiliense.
- Mercadante, E.F. (1997). *A construção da identidade e da subjetividade do idoso*. São Paulo (SP): Tese de doutorado. PEPGG/PUC-SP.
- Messy, J. (1999). *A pessoa idosa não existe*. São Paulo (SP): Aleph.
- Morin, E. (2006). *Cultura de massas do século XX: necrose*. Rio de Janeiro (RJ): Forense.
- Mucida, A. (2009). *Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice*. Belo Horizonte (MG): Autêntica.
- Nietzsche, F.W. (2011). *Assim falava Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Osborn, A.F. (1965). *O poder criador da mente: princípios e processos do pensamento criador e do brainstorming*. São Paulo (SP): Ibrasa.
- Rey, F.G. (2010). *Pesquisa qualitativa e subjetividade*. São Paulo (SP): Language Learning.

Schirmacher, F. (2005). *A revolução dos idosos: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha*. Rio de Janeiro (RJ): Elsevier.

Schwanitz, D. (2009). *Cultura geral: tudo o que você deve saber*. São Paulo (SP): W.M.F. Martins Fontes.

Sennet, R. (2008). *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro (RJ): Record.

Serres, M. (2003). *Hominescências: o começo de uma outra humanidade?* Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil.

Stein, M. (2006). *Jung: o mapa da alma: uma introdução*. São Paulo (SP): Cultrix.

Recebido em 03/05/2012

Aceito em 30/06/2012

Marcia Degani – Fonoaudióloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás; cantora lírica e preparadora vocal, cursou Aperfeiçoamento em Voz no CEFAC – Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica. Mestre em Gerontologia/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

E-mail: marciadegani@yahoo.com.br

Elisabeth Frohlich Mercadante - Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (1966), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997). Atualmente é Professora Doutora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana. Atuando principalmente nos seguintes temas: velhice, terceira idade, memória coletiva e identidade social.

E-mail: elisabethmercadante@yahoo.com.br